

Lugares do futebol no Jaraguá/SP: lógicas de organização, expressões simbólicas e tendências do futebol de várzea contemporâneo

Places of Football in Jaraguá/SP: Logics of Organization, Symbolical Expressions, and Tendencies of the Contemporary *Várzea* Football

Alberto Luiz dos Santos

Universidade de São Paulo, São Paulo/Brasil
Doutorando em Geografia Humana, USP
albertosantos@usp.br

RESUMO: O advento do futebol popular em São Paulo se desdobrou no anonimato dos terrenos baldios, por meio da apropriação dos vazios urbanos, principalmente as várzeas dos rios (*várzea*), o que configurou uma intensa trama de sociabilidades e instaurou o futebol como obra coletiva. Nesses lugares, disseminou-se a festa do futebol, enredando o jogo em meio a múltiplas práticas culturais. O processo de implosão-explosão da cidade permite interpretar a proliferação dessa festa, assim como a transformação da cidade em metrópole suscita a reflexão sobre a escassez de sua “base social.” A partir dessas balizas, esse artigo dedica-se à pujança do futebol de várzea contemporâneo, salientando duas tendências que elucidam sobre suas lógicas de organização: a “passagem” dos campos antigos à administração pública e a permanência do futebol como obra na periferia. Realizamos levantamentos cartográficos comparativos, buscando identificar os campos de futebol situados no distrito do Jaraguá/SP de acordo com cada tendência. Posteriormente, com base em levantamentos empíricos e entrevistas, buscamos compreender a situação cadastral e organizativa dos campos, seus usos e práticas culturais. Sobre estas, foi dado enfoque às expressões do jogo, entre o lúdico e o competitivo, e da música, permeando o corpo e a memória dos grupos, em meio a batucadas, rodas de samba, DJ’s e pancadões.

PALAVRAS-CHAVE: Várzea; Metrópole; Jaraguá/SP.

ABSTRACT: The advent of popular football in São Paulo has its origins in the anonymity of the empty lots, through the occupation of the urban voids, especially in the floodplains (*várzea*), which had set up an intense sociability mesh and established football as a collective work. The celebration of football was disseminated among those places, entwining the game amid the multiple cultural practices. The implosion-explosion process of the city allows us to understand the proliferation of such celebration, as well as the transformation of the city into a metropolis rises the reflection about the scarcity of its “social bases.” From those perspectives, this article is dedicated to the strength of the contemporary *várzea* football, pointing out two tendencies that clarify its organization logic: the “transference” of the old fields to the public administration and the persistence of football as artwork in the periphery. A comparative cartographic survey was conducted, seeking the identification of the football fields located in Jaraguá Districts/SP according to each tendency. Subsequently, based on empirical surveys and interviews, we tried to understand the registration and organizational situation of the fields, their use, and cultural practices. Therefore, the focus was on the game expressions, within the ludic and the competitive, and the music permeating the body and the memory of the groups, amid *batucadas*, *roda de samba*, DJ’s and *pancadões*.

KEYWORDS: Floodplain; Metropolis; Jaraguá/SP.

INTRODUÇÃO

Os campos de futebol do Jaraguá/SP,¹ com suas dinâmicas e conteúdos, revelam aspectos significativos sobre a contemporaneidade do futebol popular na metrópole. No bojo das práticas socioespaciais cotidianas, esses campos emergiram, se espalharam e se movimentaram ao longo do século XX, principalmente em sua segunda metade. Com base em imagens de satélite, fotografias aéreas, dados secundários e pesquisas empíricas, buscamos analisar tais processos, intencionando contribuir para a pesquisa de doutorado que está em curso.² O presente artigo está embasado nessa etapa de pesquisa e, para elucidar suas intenções, apresentamos previamente tal levantamento.

O distrito do Jaraguá dispunha de 37 campos de futebol no ano de 2004, sendo que, em 2018, essa quantidade foi reduzida a menos da metade: 13 campos.³ Após analisar o conteúdo das imagens aéreas e verificar empiricamente algumas hipóteses, foram estabelecidas duas categorias para compreender a situação desses campos. No primeiro conjunto, elencamos os campos de “Administração Pública”, total ou parcial, situados em Parques, Clubes Escolas (Centro Esportivos Municipais) e Clubes da Comunidade (CDC’s). No segundo, os campos de “Organização Coletiva”, situados em praças públicas, terrenos privados e vazios urbanos, em que a realização do futebol se dá pelos grupos sociais locais.

Para além desse esboço classificatório, destaquemos previamente parte dos conteúdos desses lugares do futebol. De antemão, um destaque: não se trata apenas da agenda do futebol de várzea. As lógicas de organização e as economias movimentadas pelo “mundo da várzea” transcorrem em campos como o do Sem Valor, do COHAB Taipas, do Parque Taipas e do Pinheirinho, situados respectivamente em dois CDC’s, um Clube Escola e um Parque. Também figuram

¹ O distrito do Jaraguá localiza-se na periferia de São Paulo. Faz fronteira com os municípios de Osasco e Caieiras, e também com distritos como Anhanguera e Perus, os mais extremos na região Noroeste do município.

² *Patrimônio imaterial e cidade: relações entre o samba e o futebol de várzea em São Paulo/SP.*

³ Levantamento baseado nas Ortofotos (2004) do Mapa Digital da Cidade, disponível no Portal *GeoSampa*, posteriormente comparadas com imagens do Google Earth (2018).

em campos próprios, como o do Taipas F. C. e do Jaraguá F. C., e em terrenos apropriados, como o campo da Xurupita e do Ninguém Dorme.⁴

Em todos prevalece o intenso uso do espaço e o envolvimento da população local, cuja representação se dá por diretorias formadas pelos membros dos times. Em sua maioria, a origem desses campos esteve associada a um processo de criação do futebol como obra coletiva, ou seja, daqueles que se dispuseram, em determinado contexto, a capinar, aplainar, demarcar linhas e erguer balizas. Grupos que construíram vestiários, bares e salões de festa, ou arrecadaram verba para financiá-los. Trata-se dos lugares de efervescência não só do jogo e da torcida, mas também da pujante “beira de campo” varzeana, promovendo o encontro de milhares a cada fim de semana, entre torcedores, apreciadores e entusiastas.

Nesses campos se reelaboram significados, memórias e expressões de grupos sociais que se afirmam coletivamente, de modo simbólico e prático, como os “varzeanos e varzeanas” da metrópole. São aqueles que inserem em seu cotidiano um conjunto de práticas que envolvem o jogo, a competição e os modos de torcer. Que unem a resenha, a batucada, “os foguetes e [as] bandeiras”, os bailes, as rodas de samba, a dança, a bebida e a comida que se faz no bar. Na várzea estão os grupos que, entre a miséria e a riqueza do cotidiano,⁵ expressam a festa que se engendra ao futebol.

Essa intensidade da várzea não encerra, no entanto, as práticas do futebol popular no Jaraguá. Para além dos campos supracitados, e neles, ocasionalmente, existem outros em que se expressa o “futebol da molecada”, como corriqueiramente se diz, a pelada entre vizinhos e amigos que se deslocam de outros bairros, ou os pequenos jogos que se desdobram junto aos gols. São campos onde se joga o futebol improvisado, os “onze contra onze” definidos de última hora. Campos de “curta-duração” temporal, em terrenos mais vulneráveis à incorporação imobiliária, onde há uma dimensão lúdica do jogo e da brincadeira mais pronunciada em relação à

⁴ Mesmo possuindo nomes oficiais, os campos de várzea são majoritariamente tratados pelo nome popular junto aos frequentadores. Em geral esses nomes se relacionam a alguma contração do nome oficial ou mesmo ao time mais reconhecido que atua no campo. Neste texto, adotaremos tais nomenclaturas.

⁵ LEFEBVRE. *O direito à cidade*, p. 117.

competitividade que se reproduz na várzea. Falamos dos campos em praças públicas e “terrenos baldios”, alheios ao calendário varzeano.

Considerando essa prévia apresentação de dinâmicas, o presente artigo buscará analisar o futebol popular a partir do conceito de lugar, compreendendo esse jogo como formação e desenvolvimento no bojo da urbanização.⁶ Serão destacados três processos principais: primeiramente, o advento do futebol popular em São Paulo, a partir do processo *apropriação do espaço*; imbricado a este, o que está sendo tratado como *obra coletiva*; finalmente, trataremos de suas expressões simbólicas e lúdicas: *a festa do futebol*.

A seção a seguir buscará um aporte teórico-conceitual para fundamentar tais processos. Na posterior, a intenção é abordá-los a partir de duas balizas temporais: a implosão-explosão da cidade e a transformação da cidade em metrópole. Assim, discutiremos com base no caso do Jaraguá, se o futebol popular contemporâneo pode ser compreendido nos termos referidos, ou seja, como apropriação, como obra e como festa. Para tanto, retornaremos aos levantamentos empíricos e cartográficos na última seção, discutindo demais conteúdos de entrevistas⁷ e incursões etnográficas,⁸ de modo a elucidar algumas de suas expressões simbólicas.

LUGARES DO FUTEBOL EM SÃO PAULO: A DIMENSÃO POPULAR DO JOGO

A urbanização da sociedade se apresenta como uma pista, quiçá a mais elucidativa, para se compreender o surgimento e disseminação do futebol. Essa perspectiva permite apreender o advento do jogo, qual seja o país ou lugar em questão.

Nessa chave, Gilmar Mascarenhas discute o pioneirismo da cidade de São Paulo no que tange à inserção do futebol no Brasil.⁹ O autor salienta que sua manifestação se deu no âmbito de clubes e colégios voltados à elite paulistana, com

⁶ SEABRA. *Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão*, p. 268.

⁷ Tais entrevistas foram realizadas entre 2016 e 2018, em campos situados na Zona Norte. Todos os trechos citados nesse artigo foram autorizados pelos respectivos intérpretes na ocasião das entrevistas.

⁸ Segundo proposta metodológica de MAGNANI. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana*, p. 264.

⁹ MASCARENHAS. *Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia*, p. 88.

grande influência de imigrantes ingleses, na virada dos séculos XIX e XX. Sem aprofundar nesse processo, recorrente em diversos países e cidades, nossa proposta é refletir sobre a popularização do futebol elucidada pelo autor, ou seja, momento em que o jogo adere às camadas mais pobres, tornando-se uma “febre”.¹⁰

Num esforço de síntese, compreendemos que a popularização do futebol em São Paulo possa ser interpretada por duas vias. São elas: *a prática do jogo associada às fábricas*, inserindo suas práticas no cotidiano da classe operária, nos intervalos e competições extra-turno, com lógicas variando entre a mediação dos industriais e a organização operária e; *a prática do futebol associada à apropriação do espaço*, ou seja, a livre organização dos grupos sociais. Ainda que ambas estejam imbricadas, por uma opção já sinalizada, o enfoque será dado à segunda via, que em São Paulo se remete à realização do futebol nas várzeas rios.

Da bibliografia que se voltou a este processo, tomando-o referência para analisar a urbanização, destacamos a obra de Ab’Saber,¹¹ quando desenvolve a análise de que: “Apenas algumas contínuas indentações do organismo urbano conseguiram transpor a faixa das grandes planícies de inundação dos dois cursos d’água e enraizar-se nos outeiros e colinas do ângulo externo de confluência.”

Numa linguagem um tanto distante do arcabouço da Geografia Urbana, o autor se remete ao que compreendemos como processo de implosão-explosão da cidade, que será retomado adiante: as aglomerações urbanas da população pobre, alijada do direito à moradia no centro, transpuseram os rios Tietê e Pinheiros e se consolidaram de modo descontínuo, em áreas elevadas e vertentes. Outeiros e colinas até então rurais foram incorporados ao espaço urbano, numa dinâmica que se contextualiza, em linhas gerais, após 1930.

Simultaneamente, as grandes planícies de inundação se consolidaram como vazios urbanos,¹² expressão espacial de “[...] um processo, diante da dinâmica de produção/reprodução das parcelas da cidade que num dado momento não estão sendo utilizadas”. Trata-se dos vazios de população rarefeita, lugares onde os usos sociais eram limitados tanto pelas intempéries naturais quanto pelo momento da

¹⁰ SEABRA. *Urbanização e fragmentação*, p. 271.

¹¹ AB’SABER. *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo*, p. 13.

¹² ALVAREZ. Os “vazios urbanos” e o processo de produção da cidade, p. 14.

produção do espaço que, no contexto, ainda não era demandado pelo mercado de terras, nem apresentava o dinamismo e a potencialidade técnica que se instalaria a partir de meados do século.

De todo modo, esses vazios alagadiços tornaram-se lugares do futebol e de seus conteúdos. Emergia o futebol popular de várzea, cuja alcunha permanece e transcende São Paulo. Emergia, a partir da apropriação do espaço, um conjunto de atividades embasadas na doação coletiva,¹³ congregando profissões e idades de homens e mulheres em suas diferentes habilidades, transcendendo os “vinte e dois” que disputavam o jogo propriamente dito.

O debate que distingue dominação e apropriação do espaço se faz aqui imprescindível. Noutro trabalho, a mesma autora,¹⁴ referenciada em Henri Lefebvre enfatiza que a dominação do espaço é um processo consagrado pela propriedade, ou seja, uma dinâmica de demarcação mensurável, tanto em limites espaciais quanto em montantes de dinheiro investido. Valorizado enquanto troca, trata-se do espaço dominado, garantido pelo Estado capitalista. Já a apropriação compreende um processo consagrado pelos grupos sociais, por vezes alheio ou mesmo indiferente à existência da propriedade, insurgindo-se contra ela. Trata-se do espaço criado pelos sujeitos a partir do uso, o cerne de seu valor. O espaço que permite a atividade criadora, produzido enquanto obra coletiva, como os campos de futebol na primeira metade do século XX, que pululavam às centenas, nas várzeas de São Paulo.

Nesse momento da reflexão, faz-se pertinente inserir a ideia de obra empreendida por Lefebvre: “A própria cidade é uma *obra*, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos *produtos*”.¹⁵ Destaca-se que, nesse debate, Lefebvre se remetia à cidade como uma “poderosa realidade”, precedente à industrialização: “[...] centros de vida social e política onde se acumulam não apenas as riquezas como também os conhecimentos, as técnicas e as obras (obras de arte, monumentos)”.¹⁶ Posteriormente, o autor esmiúça como a indústria

¹³ SEABRA. *Urbanização e fragmentação*, p. 284.

¹⁴ SEABRA. *A insurreição do uso*, p. 79.

¹⁵ LEFEBVRE. *O direito à cidade*, p. 4.

¹⁶ LEFEBVRE. *O direito à cidade*.

“tomaria a cidade de assalto”, subvertendo conteúdos, tornando-se indutora da urbanização e consagrando o urbano como fenômeno que transcende as cidades em suas especificidades. Dessa análise, algumas questões se colocam: Esse momento posterior – o urbano – elimina a cidade como obra? Poderíamos compreender as práticas criadoras dos campos de futebol em São Paulo como obras, no sentido posto por Lefebvre?

Essas práticas auto-organizadas têm sido citadas recorrentemente nas entrevistas com varzeanos e varzeanas, mobilizando suas memórias no sentido elucidado por Bosi.¹⁷ Assim, apreendemos diversas menções ao ato de realizar propriamente o campo, de arribar a vegetação dos terrenos e inserir estruturas, como a de Maradona, ao se referir sobre o primeiro campo do EC São Bento, da Vila Taiaú, Pirituba. Após tratar do campo criado por amigos às margens da Ferrovia Santos-Jundiaí, próximo à atual Marginal Tietê, na década de 1940, ele aborda a mobilidade da obra: “[...] o que a gente sabe é que as traves eram móveis, os caras tiravam. Levavam lá pra sede, lá no fim da rua. Entendeu? E quando ia jogar traziam a trave e tal. Se trocavam lá em cima na sede, vinham a pé para o campo”.¹⁸

Trata-se de um exemplar das práticas criadoras recorrentes que se desdobraram nos vazios urbanos de São Paulo, a partir das quais sinalizamos uma resposta positiva para a questão deixada acima. Não se trata de defender aqui um determinado viés artístico ou monumental dos campos, ainda que essa entrada não deixe de ser frutífera. Trata-se de afirmar que a apropriação do espaço pelas práticas do jogo popular só pôde se consolidar pela potência criadora dos sujeitos, que produziram materialidade espacial tendo como intenção o uso e não a troca. Realizaram com as mãos a possibilidade do jogo praticado com os pés.

É a partir daí que se enfatiza, dialeticamente, o sentido do futebol como festa: “O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa (que consome improdutivamente, sem nenhuma outra vantagem além do prazer e do prestígio, enormes riquezas em objetos e em dinheiro)”.¹⁹ Nessa leitura, compreende-se que enquanto o espaço urbano de São

¹⁷ BOSI. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, p. 29.

¹⁸ Entrevista concedida por Maradona (54 anos), em 04 mar. 2018.

¹⁹ LEFEBVRE. *O direito à cidade*, p. 4.

Paulo se produzia enquanto troca, dominado pela propriedade e fragmentando-se em lotes, persistiam dinâmicas de certo modo insurgentes,²⁰ consolidando o uso pela tríade: apropriação, obra e festa.

Seabra, enfatizaria que: “Esse futebol de várzea de São Paulo pode ser entendido como a primeira grande festa do povo fora da perspectiva da Igreja”.²¹ Por consolidar-se coletivamente como doação, a autora aborda que essas práticas se realizavam enquanto atividade lúdica. Atividades que não estavam engendradas ao tempo do trabalho e às dinâmicas do cotidiano, ou seja, não se tratava do lazer programado para o tempo livre. Era a expressão de uma gratuidade do tempo, no caráter cíclico da vida de bairro: organizar equipes, zelar pelos uniformes, marcar jogos, cruzar a cidade, sociabilizar-se antes e pós-jogo, inserindo a música, a dança, a alimentação coletiva, entre outros conteúdos da festa de bairro.

Se a discussão que segue tratará de refletir sobre sua contemporaneidade, com foco no Jaraguá, convém encerrar esse momento sintetizando sobre os lugares do futebol. E essa síntese se dá no seguinte sentido: não há como compreender processos coletivos de apropriação do espaço, criação da obra e realização da festa, sem apreender que, intrinsecamente, eles são mediados por relações de sociabilidade que mobilizam sentimentos de afetividade e identidade. Não apenas dos grupos entre si, mas destes em relação ao espaço.

No escopo da Geografia, compreendemos o espaço como categoria de análise que abrange a totalidade dos processos sociais, em sua forma e conteúdo, porém só consegue fazê-lo de modo abstrato. Já o conceito de lugar remete-se à dimensão concreta do espaço, *onde* se consagra o vivido. Nos termos de Scifoni,²² o lugar é “[...] parte constitutiva da vida humana, ao mesmo tempo ponto de partida e resultado de um processo de apropriação, transformação e uso do espaço”. Nesse sentido, o conjunto de práticas tratadas até aqui, que possibilitaram o advento do futebol popular em São Paulo, suscitam a elaboração de significados pelos grupos, fermento das mais diversas expressões simbólicas. São as dimensões culturais da vida urbana que têm nos lugares do futebol um suporte material e simbólico. A

²⁰ SEABRA. A insurreição do uso, p. 79.

²¹ SEABRA. *Urbanização e fragmentação*, p. 270.

²² SCIFONI. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo, p. 100.

seguir, abordaremos duas balizas temporais que auxiliam nessa compreensão atualmente: a implosão-explosão da cidade e sua transformação em metrópole.

LUGARES DO FUTEBOL EM SÃO PAULO: DA CIDADE À METRÓPOLE

De início, busquemos uma síntese do processo analisado retomando a ideia de industrialização como indutora da urbanização. Esta sociedade urbana em ascensão vê os núcleos antigos das cidades se deteriorarem sem se extinguirem. A concentração de pessoas, induzida pela indústria, leva à implosão das estruturas, atividades econômicas e dinâmicas sociais dos antigos núcleos, ao mesmo tempo em que, dialeticamente, eles explodem, com o deslocamento de seus conteúdos para as periferias.

Decerto, os “atos” sucessivos desse processo, que na análise de Lefebvre consolidaram a implosão-explosão de Paris, não podem ser meramente replicados a São Paulo. Ademais, tais conteúdos são densos e numerosos, se focarmos na metrópole paulista. Desta complexidade, nos interessa de modo mais proeminente os que concernem à moradia e aos vazios urbanos.

Na região do atual centro de São Paulo, desdobrou-se um uso majoritariamente residencial, junto ao comércio e serviços, até a transição dos séculos XIX e XX. O centro era o lugar da concentração e, de certo modo, da diversidade, por aglutinar habitantes/trabalhadores de diversas origens étnicas e sociais. Era o lugar da população abastada, principalmente na “cidade nova”, para além do Vale do Anhangabaú, e nas chácaras de seus subúrbios adjacentes. Era também o lugar da população pobre, negra e imigrante, nos cortiços da “cidade velha” e seu entorno. Arranjos de diversas expressões da cultura popular, que se desdobram até a contemporaneidade, como o samba e o próprio futebol.²³

O intenso crescimento populacional engendrado por uma industrialização ainda incipiente traria novas dinâmicas ao centro nas primeiras décadas do século XX. A demanda crescente por moradia e sua provisão privada nortearia esse

²³ Destaca-se, nesse sentido, a fundação do Cordão Carnavalesco Vai-Vai, a partir do time de futebol chamado Cai-Cai, que aglutinava sociabilidades às margens do Córrego da Saracura, no atual distrito da Bela Vista.

processo. A moradia no centro já vinha sendo alterada por legislações que visavam à expulsão da população pobre: leis que determinavam códigos de posturas, proibição de cortiços, criação de vilas operárias e reformas urbanas (como as de Antônio Prado e Washington Luiz), expressam os conteúdos discriminatórios e racistas pelos quais o centro foi se transformando.²⁴

Transcorriam fermentos da explosão de São Paulo, dos quais se destacam outros fatores de intensificação. Na década de 1940, quando uma crise econômica abalava a classe trabalhadora, pelo processo inflacionário, seria efetivada, a nível federal, a Lei do Inquilinato (1942), que buscou congelar o valor dos aluguéis, mas teve efeito contraditório. Deixando de acumular com os aluguéis, os proprietários colocaram progressivamente seus imóveis à venda, provocando uma tendência de despejos na capital paulista. A saída mais proeminente se deu pela via da autoconstrução nos loteamentos ilegais, uma estratégia consentida pelo poder público municipal, que era permissivo à abertura desses loteamentos, criando mecanismos de regularização posterior.²⁵

No que tange ao futebol, essa implosão-explosão da cidade permite apreender dois movimentos imbricados dialeticamente: a eliminação progressiva dos vazios urbanos nas várzeas “originais” – atingindo a tríade apropriação, obra e festa – e a formação gradativa de novos bairros na periferia, onde a tríade, insinuante, insistiu em se realizar.

Nossa maior ênfase é que estes movimentos não se compreendem numa linearidade cronológica ou como uma dinâmica espacial concêntrica. Pensando o caso do Jaraguá, nossos levantamentos sintetizam sua intensificação a partir da década de 1980, quando a lógica de explosão da cidade pela autoconstrução atingiria o território do distrito, junto aos lançamentos de conjuntos habitacionais populares. No entanto, clubes como o Taipas FC, de 1926 e o Jaraguá FC, de 1950, sugerem a potência das práticas do futebol no contexto em que o Jaraguá ainda apresentava as dinâmicas de um “povoado-estação”.²⁶ Nesse sentido, entre a

²⁴ ROLNIK. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro), p. 39.

²⁵ MANENTE. *A moradia popular chegou à Serra da Cantareira*, p. 26.

²⁶ PEREIRA. *Os loteamentos clandestinos do distrito do Jaraguá/SP: moradia e especulação*, p. 44.

rarefação dos campos nas “várzeas originais” e sua multiplicação nas periferias, existem processos que só podem ser apreendidos por um recorte analítico.

É diante dessa demanda que a transformação da cidade em metrópole se apresenta como uma baliza temporal imprescindível, dialogando com a anterior. A década de 1970 pode ser considerada como referência temporal que marca a estruturação de São Paulo como metrópole. Em linhas gerais, nessa década, a estrutura urbana apresentava uma área central reconfigurada em suas dinâmicas, um conjunto de zonas industrializadas constituídas nas décadas anteriores (as mais tradicionais, nos eixos ferroviários, e as mais modernas, nos eixos rodoviários), além de zonas periféricas, concentradoras da população pobre. Uma expansão intensa, envolvendo fluxos materiais e imateriais de ordem regional, nacional e global.

Essa estrutura passaria por mudanças, dada a raridade espacial e a necessidade de sua reprodução.²⁷ A desconcentração industrial com centralização de capitais gerou novas demandas do setor financeiro, legando os grandes conjuntos de escritórios instalados principalmente na zona sul. Na esteira do consumo dirigido,²⁸ as centralidades passariam a se reconfigurar, em muito norteadas por um novo urbanismo que, sustentado por um planejamento estratégico de venda da cidade, foi consagrando os grandes templos do consumo cotidiano, como shoppings e hipermercados. Outro elemento marcante se relaciona à moradia, pois ao mesmo tempo em que se aprofundava a dinâmica de formação de periferias, com o grande “boom” da habitação popular,²⁹ os antigos bairros das regiões centrais se tornaram foco do mercado imobiliário para prover uma nova mercadoria às camadas mais abastadas e classes médias: os condomínios verticais.

Esse conjunto de processos legou a intensa fragmentação do espaço, que foi também a fragmentação da vida do paulistano. No cotidiano, os grupos sociais vêm lidando há décadas com subsequentes transformações de seus espaços vividos, reformulando, em ritmos intensos e variáveis, os itinerários, os encontros, as

²⁷ CARLOS. *Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana*, p. 175.

²⁸ LEFEBVRE. *A vida cotidiana no mundo moderno*, p. 153.

²⁹ DAMIANI. *A cidade (des)ordenada*, p. 99.

sociabilidades. Trata-se de um espaço efêmero, cuja materialidade tem prazo de validade, provocando o estranhamento, e de um tempo amnésico, que compromete a realização da memória.³⁰

Assim, como afirma Serpa: “A metrópole parece negar os lugares, sobrepondo valores e conteúdos hegemônicos às experiências enraizadas na vida cotidiana de cada lugar”.³¹ Para Seabra, o processo engendrado por essa baliza temporal – a cidade transformada em metrópole – comprometeria decisivamente a festa do futebol popular.³² Não se trata, segundo a autora, apenas da extinção material dos campos diante da raridade espacial, ou seja, a dominação ainda mais intensa do espaço e dos vazios urbanos pela propriedade privada. Trata-se, junto a isso, de uma nova implosão: a implosão da vida de bairro, abalando a “base social”, em que a festa do futebol varzeano se assentava.

A perspectiva da autora faz eco a uma recorrente narrativa que alude ao “fim da várzea”, presente desde a “beira de campo”, com varzeanas e varzeanos receosos, até a bibliografia e as políticas públicas relacionadas. De fato, a imposição do cotidiano moderno na metrópole, transformou densamente o futebol varzeano, pela proeminência do lazer programado em detrimento do lúdico. Por outro lado, apropriação, obra e festa permaneceram, como no caso do Jaraguá, pujantes contra o espaço dominado e fragmentado. Assim, a proeminência do cotidiano programado, sua miséria, permite apreender, dialeticamente, os processos que a negam, contrapõem e, contra ela, insurgem-se. Trata-se de uma problematização à ideia de extinção da vida de bairro em São Paulo, que este artigo propõe com base nas dinâmicas do futebol popular. Para fundamentá-la, passemos a uma análise mais detida dos lugares do futebol no Jaraguá.

NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA: AS DINÂMICAS DO FUTEBOL POPULAR NO JARAGUÁ

Analisando as cartografias disponibilizadas da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento (SMUL), bem como as pesquisas mais focadas na região, podemos

³⁰ CARLOS. *Espaço-tempo na metrópole*, p. 350.

³¹ SERPA. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos, p. 171.

³² SEABRA. *Urbanização e fragmentação*, p. 325.

sintetizar que a expansão da área urbanizada foi mais proeminente no distrito do Jaraguá após a década de 1950. Segundo dados do Portal *GeoSampa*, identificamos 23 loteamentos aprovados no distrito e 33 regularizados, os primeiros concentrados entre 1950 e 1970 e os outros após 1980, confirmando a tendência de abertura de loteamentos ilegais com posterior regularização, citada anteriormente. A isso se soma a construção de conjuntos habitacionais nas décadas de 1980 a 2000, com 18 conjuntos apenas da COHAB.

Nessas áreas recentemente incorporadas ao espaço urbano de São Paulo, desdobraram-se as dinâmicas de apropriação do espaço e de criação de campos como obra coletiva, como os representados pelas figuras 1 e 2. A primeira, expressa a existência de campos entre os Conjuntos Habitacionais, como no exemplo mencionado por Jonatan, torcedor e mestre de bateria da torcida do time Família Sem Valor, do Jaraguá: “[...] os prédios aqui foram fundados em 1996, foi entregue aos moradores e o campo só veio em 2000 [...] os moradores mesmo limparam essa área aí. Deu uma arrumada aí, tudo limpinho, aí fez o campo, no ano de 2000”³³.



Fig. 1 - Campos de futebol entre os conjuntos habitacionais do Jaraguá.
Fonte: *GeoSampa*. Organização: Alberto Luiz dos Santos (2018).

³³ Entrevista concedida por Jonatan (24 anos), Mestre da Bateria, Chapa Quente, 03 mar. 2018.

O mesmo processo ocorrera num terreno privado, no intervalo temporal entre a abertura do loteamento, a comercialização e a construção efetiva dos imóveis. Destaca-se o fato de se tratar de campos não inseridos propriamente no circuito do futebol varzeano, como dito na introdução. Na área destacada pela figura 2, nota-se a conformação de 10 campos, isso sem contar os adjacentes. Praticamente uma “praça esportiva”, possibilitando a realização do futebol a partir da apropriação do espaço. Um espaço privado, do ponto de vista registrário, tornado circunstancialmente um espaço público, como atribuído por Serpa,³⁴ o espaço da ação política, da coletividade e da sociabilidade.



Fig. 2 - Campos do Futebol no Loteamento City Jaraguá – distrito Jaraguá (2004).
Fonte: *GeoSampa*. Organização: Alberto Luiz dos Santos (2018).

A dinâmica expressa pelas imagens nos remete ao que ocorrera intensamente às margens do Tietê e do Pinheiros no início do século, suscitando uma análise da permanência do futebol como apropriação e como obra, mesmo com as profundas modificações no cotidiano dos grupos sociais, no contexto da cidade tornada metrópole.

Na interpretação de Jair, funcionário do Parque Pinheirinho d'Água e organizador das partidas no campo deste parque, “Na década de 1990, aqui na região do Jaraguá existia aproximadamente 30 campos, que até então não existia

³⁴ SERPA. Paisagem, lugar e região, p. 171.

muitos apartamentos. Aí conforme foi crescendo o bairro foi diminuindo o tamanho dos campos também”.³⁵ O referido Parque foi inaugurado abrangendo parte da área representada pela figura 2, onde atualmente existem apenas dois campos de futebol, um de organização coletiva e outro inserido no calendário varzeano, reunindo cerca de 20 times a cada fim de semana, segundo Jair. A outra parte da área em que havia campos em 2004 (figura 2) se transformou em condomínio fechado.

Relacionando estes exemplos com o que foi apresentado no início, reiteramos que dos 37 campos identificados no Jaraguá, em 2004, atualmente, figuram apenas 13. Por um lado, essa tendência reproduz os processos ocorridos nas “várzeas originais”, levando-nos a crer na diminuição progressiva dos lugares do futebol no Jaraguá. Por outro, a incorporação imobiliária não cessa, e nela emergem novos vazios urbanos onde a apropriação, a obra e a festa se apresentam como potenciais. É essa a tendência que pôde ser verificada ao analisar o Jaraguá após 1980, mas se analisarmos a produção do espaço nos distritos adjacentes e a conformação de periferias ainda mais distantes, pode-se inferir que tende a permanecer.

Para além da existência material dos campos, outro aspecto que nos leva a sugerir a potência do futebol popular concerne ao circuito varzeano no Jaraguá, principalmente naqueles campos mediados pela Administração Pública. Em todos eles, são jogos ininterruptos, surgindo novos times no bairro constantemente, como afirmam os entrevistados. Uma “leva” de torcedores e apoiadores mobilizados, disse Gislene,³⁶ torcedora do Cohab Taipas, que se reúnem diante do espaço rarefeito e fragmentado.

A cada festival ou rodada das copas acirradas, prevalece o uso coletivo da beira de campo, complementadas por amistosos e festas anuais de aniversário dos clubes. Nestas três esferas (amistosos, festivais e copas), consolida-se uma lógica de organização da várzea, que em grande parte passa pela própria lógica de organização dos campos. Nos CDC’s, como o Parque Taipas, essa lógica envolve os diretores dos clubes e a Secretaria Municipal de Esportes, um modelo de

³⁵ Entrevista concedida por Jair (46 anos) – servidor público do Parque Pinheirinho d’Água, em 03 mar. 2018.

³⁶ Entrevista concedida por Gislene, em 03 mar. 2018.

organização que assenta uma agenda de confrontos mais capitalizada e produtiva. São patrocínios e segmentos comerciais mobilizados, destacando-se, por exemplo, o de materiais esportivos. O calendário é intenso nos CDC's do Jaraguá: tem jogo a partir das primeiras horas do sábado, entre veteranos, primeiro e segundo quadros. Alguns times mandam seus jogos durante a semana, à noite. Isso sem contar as escolinhas de futebol, em sua maioria pagas, que reúnem centenas de crianças e jovens no contra turno escolar.

Segundo Gilberto, atual presidente do CDC Parque Taipas, sua intensidade é expressão de sua condição local:

Aqui é sempre cheio, como você pode observar, sempre cheio, mas nem tanto por causa do futebol. Mais pela carência no bairro de uma praça, de um parque. No caso no bairro aqui a gente só tem um campo que é onde a comunidade se concentra. [...] Quando é dia de evento, um campeonato, aí é pra mais de três mil pessoas.³⁷

Nesse sentido, como supracitado, a rarefação de campos não significa a perda da base social da várzea e a coletividade da vida de bairro. Nos CDC's, essa base se enreda em novas articulações, transcendendo o próprio calendário de jogos.

A proposta organizativa dos CDC's torna-se efetiva e almejada pelos times que não estão nesse modelo. Aqueles cujos grupos mantêm os usos dos vazios urbanos e possuem, portanto, maior vulnerabilidade à especulação imobiliária. Caso do campo da Xurupita, cuja diretoria atual se mobiliza junto à SEME para conformação de um CDC.³⁸

Situação mais problemática, na ocasião das pesquisas, ocorre nos Clubes Escola, os Centros Esportivos Municipais, caso do campo do COHAB Taipas. A administração total pela Prefeitura Municipal é menos eficiente nesse caso, com recursos limitados em relação aos CDCs, uma vez que neste último são permitidas atividades como comércio de materiais, comida, aluguel dos campos e salões de festa. Os CDCs movimentam uma economia de fluxos maiores, que garantem mais viabilidade quanto à organização e estrutura. Já os Clubes Escola se deparam com dificuldades estruturais e organizacionais. Tal situação é tratada por Wagner, que limpava voluntariamente a lama acumulada nas arquibancadas e vestiários

³⁷ Entrevista concedida por Gilberto (37 anos) – presidente do CDC Parque Taipas, em 07 abr. 2018.

³⁸ Entrevista concedida por Juquinha (30 anos) – presidente da diretoria do campo, em 03 mar. 2018.

improvisados do campo: “O campo foi criado na década de 1980 e foi feito a propósito para ser um centro esportivo aqui na região [...]. E até hoje ele é administrado pela secretaria de esportes, porém algumas paralisações e irregularidades aí, a situação é tocada pela comunidade na verdade”.³⁹

Há uma dimensão política significativa e estruturante para a permanência do futebol na periferia, apreensível na interpretação de Vagner: o envolvimento da comunidade. Este fazer coletivo de bairro, que voluntariamente se desdobra aos fins de semana, de modo a suprir ineficácia de políticas públicas. A esta dinâmica soma-se a diversidade de práticas culturais e expressões simbólicas, tanto as vivenciadas nas incursões quanto aquelas mobilizadas pela memória dos entrevistados. Práticas diversas que garantem o uso do espaço, das quais destacamos as batucadas de beira de campo.

O samba e o futebol são manifestações da cultura popular, profundamente relacionadas. Na várzea do Jaraguá, elas se imbricam, expressando a paisagem sonora dos campos,⁴⁰ junto aos sons da torcida, as discotecagens de *reggae*, *RAP* e *funk*, com os “pancadões” automotivos. No âmbito do samba, são rodas periódicas, fundação de blocos e escolas de samba, como tratado por Vagner:

Existem times que têm torcidas aqui, que fazem parte do próprio samba, tem a Escola de Samba aqui, a Só Vou se Você For [...]. Tem o pessoal aqui do CarnaBronks também [...]. Então assim, não são tantos times, mas ainda tem essa questão da batucada sim, permanecendo nos campos aí de futebol.⁴¹

Buscando compreender os arranjos rítmicos dessas batucadas, os repertórios elencados, a organização e execução dos instrumentos, entre outros aspectos de sua performance,⁴² vivenciamos duas situações recorrentes entre as torcidas. Na maioria das equipes, desdobra-se um arranjo rítmico e estético notavelmente inspirado nas torcidas organizadas de clubes de futebol profissional. São os populares cantos ou gritos de torcida, por vezes também chamados gritos de guerra. A batucada, nesse caso, inspira-se em sua métrica ao longo dos jogos,

³⁹ Entrevista concedida por Vagner – colaborador voluntário no campo, em 07 abr. 2018.

⁴⁰ SCHAFFER. *A afinação do mundo*, p. 366.

⁴¹ Entrevista concedida por Vagner – colaborador voluntário no campo, em 07 abr. 2018.

⁴² PINTO. *Etnomusicologia: da música brasileira à música mundial*, p. 10.

entoando incentivos aos jogadores. Trata-se de um constante pulsar do futebol varzeano: a marcação dessas “baterias torcedoras”.

Tal sonoridade varzeana divide espaço, em determinadas ocasiões, com outro arranjo de instrumentos de percussão e vozes, que no carnaval é popularmente chamado de “pedal”. Trata-se de um diálogo sonoro de caixas, surdos e repiniques, instrumentos que são a base da bateria de uma escola de samba, continuamente acompanhado pelo coro coletivo de sambas-enredo aclamados dos carnavais de São Paulo e Rio de Janeiro (os “sambas-clássicos”, como se trata no “mundo do samba”).

Nessas batucadas há uma mobilização constante das memórias dos batuqueiros ao trazer para a roda um conjunto de sambas antigos alternadamente, enquanto executam seus instrumentos. Assim, a força mobilizadora da batucada, na qual o ritmo envolve os corpos promovendo engajamento com a performance,⁴³ manifesta-se entre esses batuqueiros tendo como centralidade o samba e não o jogo. Trata-se da divisão de cada ritmista em seu naipe, da “resposta” de acertar o “breque”, lembrado de última hora, para reproduzi-lo e, ao mesmo tempo, ressignificá-lo. Assim, entre o som, o corpo e a memória, a realização das batucadas de beira de campo se consolida como expressão diferenciada das “baterias torcedoras”, supracitadas. Trata-se de uma singularidade do samba paulistano que, atualmente, é elemento central da pesquisa de doutorado em curso, ainda que tenha mobilizado outras expressões, que se engendram na síntese a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste debate mencionamos a situação e as dinâmicas de nove dos 13 campos de futebol localizados no Jaraguá em 2018. Destacam-se, ainda, quatro daqueles que chamamos de Organização Coletiva, por não contarem com Administração Pública (total ou parcial): o campo do “Shangrilá” e mais três campos situados em praças públicas, entre os conjuntos habitacionais.

⁴³ MESTRINEL. *Batucada: experiência em movimento*, p. 28.

Ao longo das seções, buscamos enfatizar que o elenco desses campos transcende um mero exercício de localização. Empiricamente interpretamos seus conteúdos e, como dimensão concreta e simbólica do vivido, envolvendo milhares de moradores da periferia, esses espaços se constituem como lugares do futebol popular na metrópole.

Enquanto materialidade, eles podem ser analisados no bojo da produção do espaço urbano, como foi aqui proposto. Assim, propusemos algumas tendências, destacando-se o fato de que os processos que culminam no advento dos lugares do futebol permanecem na periferia. A rarefação espacial dos campos é um sintoma da fragmentação do espaço. Porém, dialeticamente, os campos remanescentes se tornam pujantes de usos sociais: “casa cheia” sempre. Além disso, novos campos surgem continuamente, em complexas e diferenciadas dinâmicas espaciais.

Essa materialidade suscita o possível: a predominância do encontro e da sociabilidade, que evoca o uso e não a troca, travando o conflito entre a miséria e a riqueza do cotidiano. Tal dinâmica se realiza por meio das variadas práticas dos grupos, que este artigo buscou tratar.

São as sonoridades e batucadas, enfatizadas anteriormente. São também as práticas do jogo, na dialética entre o lúdico e competitivo, este mais presente nos Clubes da Comunidade (CDC's) e no calendário da várzea, com destaque à proliferação de escolinhas de futebol (reproduzindo o “sonho” da emancipação pelo profissional) e aquele mais presente nos “campinhos”, nas praças públicas e terrenos baldios. São, ainda, os diferentes modos de torcer na várzea do Jaraguá, que permeia entre os comportamentos e a estética das torcidas organizadas, os viscerais torcedores de beira de alambrado e os descompromissados apreciadores das partidas. Nesse sentido, abre-se uma reflexão sobre tantas outras práticas culturais, pelas quais se realiza a festa do futebol no Jaraguá, reelaborando significados coletivamente e legando, à metrópole, um conjunto de expressões simbólicas da periferia.

* * *

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- ALVAREZ, Ricardo. **Os "vazios urbanos" e o processo de produção da cidade**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DAMIANI, Amélia. A cidade (des)ordenada. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 72, p. 95-109, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MAGNANI, José. Guilherme. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. (Coleção Antropologia Hoje). São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MANENTE, Fábio. César. Moreira. **A moradia popular chegou à Serra da Cantareira**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia**, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.
- MESTRINEL, Francisco de Assis Santana. **Batucada: experiência em movimento**. Tese (Doutorado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.
- PEREIRA, Sandra de Castro Pereira. **Os loteamentos clandestinos do distrito do Jaraguá (SP): moradia e especulação**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- PINTO, Tiago de Oliveira. Etnomusicologia: da música brasileira à música mundial. **Revista USP**, São Paulo, n. 77, 2008, p. 6-11.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, 17, Universidade Cândido Mendes, set., 1989.
- SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Edunesp, 2001.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, 2013.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. A insurreição do uso. In: MARTINS, José de Souza. (Org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **Geosp – Espaço e Tempo**. São Paulo, n. 33, p. 168-185, 2013.

* * *

Recebido para publicação em: 28 maio 2019.
Aprovado em: 28 nov. 2019.